

As estelas de Pedra da Atalaia (Celorico da Beira, Guarda) no seu contexto geo-arqueológico

Raquel Vilaça¹, André Tomás Santos², Sofia Melo Gomes³

Resumo

Estudam-se duas estelas casualmente encontradas no decurso do "Acompanhamento Ambiental e Arqueológico da Obra do Parque Eólico de Videmonte, na serra do Ralo, relevo que se desenvolve a sul de Celorico da Beira, nos contrafortes ocidentais da Estrela.

Embora nenhuma delas se encontrasse *in situ*, seriam certamente oriundas das imediações, motivo pelo qual se sublinha neste contributo o contexto geográfico e ambiental, nomeadamente a grande importância do espectro visual de que dispõe o lugar. Valoriza-se também o seu achado próximo, não obstante a profunda e radical diferença entre ambas, quer nos suportes, quer nas grafias: uma estela de guerreiro a par de uma outra com motivos geométricos. Faz-se o respectivo estudo morfológico, técnico, iconográfico e simbólico, discutindo-se a sua eventual contemporaneidade no âmbito dos parâmetros cronológicos de finais da Idade do Bronze. Finalmente, explora-se a articulação destes achados com a paisagem circundante, valorizando-se quer o quadro de povoamento arqueológico regional – destacando-se pela sua proximidade o sítio de Monte Verão / Pedra Aguda –, quer os acidentes topográficos mais impressionantes, como a escarpa da Penha de Prados. Atende-se igualmente o seu "carácter transgressor" relativamente às principais manchas de concentração de estelas daquele primeiro tipo.

Palavras-chave: Bronze Final, Beira Interior, Estelas, Contexto, Povoado.

Abstract

We study two *stelae* incidentally found during the "Environmental and Archaeological Field Monitoring of Videmonte's Wind Farm", located at "serra do Ralo", a relief that develops in the south of "Celorico da Beira", in the western foothills of the "serra da Estrela".

Although none of the *stelae* was found *in situ*, they had certainly come from the nearby areas, reason why this contribution underlines the environmental and geographical finding context, namely the big importance of the visual spectrum of the place. The proximity of both finds is valued, despite the profound and radical difference between them, either in the support material, either in the graphic motifs: one is a stele of a warrior and the other is geometric. The morphological, technical iconographic and symbolic study is done, alongside with the discussion of

1 Instituto de Arqueologia. Departamento de História, Arqueologia e Artes da Universidade de Coimbra. CEACUP (FCT). E-mail – rvilaca@fl.uc.pt.

2 Parque Arqueológico do Vale do Côa, IGESPAR I.P. CEACUP (FCT). E-mail – a.t.santos@sapo.pt.

3 Empresa Nemus, Gestão e Requalificação Ambiental, Lda. sofia.melogomes@gmail.com

their possible contemporaneousness within the chronological parameters of the Late Bronze Age. Finally, these finds are related with the surrounding landscape with a special focus both on archaeological settlement pattern of that region – such as the site of Monte Verão / Pedra Aguda – and on the most impressive topographic features such as the scarp of Penha dos Prados. We also notice the “transgression status” of the first type of stelae in relation to the main concentration areas.

Key words: Late Bronze Age, Beira Interior, Stelae, Context, Settlement.

Achado e salvaguarda das estelas

As duas estelas de Pedra da Atalaia foram identificadas no decurso do "Acompanhamento Ambiental e Arqueológico da Obra do Parque Eólico de Videmonte (Salgueirais, Celorico da Beira)", da responsabilidade da Empresa Nemus, Lda. e com coordenação de um dos autores (S.M.G.), trabalhos que decorreram entre 5 de Setembro 2004 e 14 de Fevereiro 2005.

Em Agosto de 2005, a Gamesa Energia Portugal S.A. tinha adjudicado o respectivo acompanhamento àquela empresa, de acordo com a directriz da Declaração de Impacte Ambiental (DIA) relativa ao procedimento de Avaliação de Impacte Ambiental (AIA). Apesar da não identificação de património arqueológico em Estudo de Impacte Ambiental (EIA), a imposição do acompanhamento arqueológico decorreu como medida de precaução para a salvaguarda de todo e qualquer património que pudesse surgir ao longo dos trabalhos.

O objectivo principal em fase de construção foi o acompanhamento arqueológico permanente e integral da preparação e instalação de estaleiros e abertura de caminhos, bem como de todas as operações que implicassem movimentações de terras, nomeadamente desmatações, escavações, terraplanagens, depósitos. Como complemento ao acompanhamento, considerou-se fundamental a realização de novas prospecções na área do Parque Eólico devido às alterações de visibilidade do solo, resultantes da limpeza e decapagem do terreno. Deste modo, os elementos patrimoniais identificados durante o acompanhamento provêm de duas acções distintas: do acompanhamento arqueológico da área de incidência directa, ou seja, do espaço abrangido pelas acções desenvolvidas pela empreitada, e das prospecções da área de incidência indirecta, que corresponde à área envolvente à zona de obra.

Como resultado das prospecções realizadas e da avaliação da própria paisagem cultural, identificou-se um conjunto patrimonial composto por elementos etnográficos e arqueológicos.

O património etnográfico reconhecido corresponde, genericamente, a uma paisagem onde o tipo de povoamento, os caminhos rurais e o parcelário assumem um papel preponderante no padrão rural local, criando uma paisagem cultural ímpar; mais especificamente, registaram-se muros de extrema de construção tradicional, gravuras nos afloramentos como marcos territoriais, marcas de extracção (pedreiras) isoladas e mós.

Por sua vez, os testemunhos arqueológicos registados ao longo de todo o acompanhamento foram bastante escassos, traduzindo-se sobretudo em fragmentos cerâmicos comuns e faianças atribuíveis ao período moderno e contemporâneo e na identificação de um possível povoado pré-histórico, para além das estelas, que despoletaram o presente texto.

Estas foram os únicos elementos patrimoniais sujeitos a medidas de salvaguarda. Tal decisão decorreu do facto de as peças apresentarem fissuras longitudinais, o

que implicava urgentes medidas de consolidação, acrescido do facto de terem suscitado imediato interesse público, que as tornava vulneráveis a eventual furto. Perante esta situação, considerou-se prioritária a sua remoção para um sítio apropriado, tendo o IGESPAR determinado como local de depósito provisório o Parque Arqueológico do Vale do Côa (PAVC). Após uma primeira reunião com os técnicos do PAVC para apreciação das peças e avaliação das condições necessárias ao transporte, ficou definido que seriam transportadas na situação em que se encontravam, já que o local onde estavam depositadas (estaleiro) não oferecia as condições necessárias para proceder à sua consolidação.

O estudo das estelas⁴ foi efectuado depois, ainda nas instalações do PAVC, pelos dois primeiros signatários, que também desenharam a peça 1; a 2 foi desenhada por Fernando Barbosa do então CNART. Posteriormente, as peças foram levadas para a Câmara Municipal de Celorico da Beira, que as tem à sua guarda, tendo também integrado a exposição temporária organizada no âmbito das *Jornadas* de que estas actas dão conta. Recente publicação patrocinada por aquele Município inclui fotografias e breve comentário às duas estelas enquadradas numa perspectiva de arqueologia do povoamento regional (Vilaça, 2009a: 22-24).

Localização e contexto geográfico

O local de achado das estelas (Estampa 1) encontra-se cartografado como Pedra da Atalaia, a cerca de 1016 m de altitude ("Carta Militar de Portugal", escala 1: 25.000, folha 191, 5.^a edição, 1999). Administrativamente, integra-se na freguesia de Vide Entre Vinhas, concelho de Celorico da Beira, distrito da Guarda, província da Beira Alta.

Durante o acompanhamento da abertura do acesso ao AerogeradorA9 e ao AerogeradorA10, a cerca de 3,5 km a sul do potencial habitat do Vilhagre e junto ao vértice geodésico da Pedra da Atalaia, recolheu-se da unidade de topo um fragmento de granito decorado, aqui designado por Pedra da Atalaia 2, com as seguintes coordenadas: 40° 34' 29,91" N; 07° 24' 27,81" O. Após a sua identificação foi dada particular atenção a todas as pedras da envolvente, na tentativa de se recuperar a parte em falta dessa estela.

Na sequência desta acção, foi identificada uma outra estela a Oeste do AerogeradorA10, e a cerca de 170 m daquela, numa área com pinhal novo, que designamos como Pedra da Atalaia 1 e cujas coordenadas são: 40° 34' 32,52" N; 07° 24' 21,54" O. Neste caso, a estela, quase completa, estava tombada à superfície com a face gravada virada para baixo.

4 Concluída, com êxito, a primeira fase de salvaguarda das peças, da responsabilidade de S.M.G., tornava-se necessário proceder ao seu estudo e divulgação, tendo sido convidados para o efeito os demais autores do presente texto. Durante a fase do seu estudo, as duas estelas foram apresentadas por Marta Guardamino em reunião científica (*Estelas decoradas del Bronce Final en la Península Ibérica: datos para su articulación cronológica, Sidereum Ana II. El río Guadiana en el Bronce Final*, Mérida-Badajoz, 28-30 de Maio de 2008, no prelo).

No espaço envolvente, que não ultrapassava um raio de cerca de 30 m, identificaram-se outros dois fragmentos de granito, facetados e com uma das faces polidas, possuindo secções rectangular e subcircular. Estes fragmentos, apesar de serem relativamente pequenos (o maior com 179 mm x 148 mm), foram inicialmente interpretados como fragmentos de estelas não decoradas. Em prospecções entretanto desenvolvidas pelos dois primeiros signatários, respectivamente em Setembro de 2008 e Fevereiro de 2009, e acompanhados por António Carlos Marques, arqueólogo da Câmara Municipal, verificou-se que pequenas pedras com idênticas características e naturalmente facetadas eram abundantes, o que nos suscitou algumas dúvidas quanto à classificação daquelas primeiras como fragmentos de estelas.

O nome de Pedra Atalaia designa o ponto culminante da serra do Ralo (Estampas 2 e 3), relevo que se desenvolve no sentido S.SO-N.NE a sul de Celorico da Beira. Corresponde a um dos degraus dianteiros da Serra da Estrela de que fala Orlando Ribeiro ao analisar o contacto entre esta cadeia montanhosa e a superfície da Beira Alta (Ribeiro, 1954: 558). De acordo com este autor, só a tectónica explica a existência destes degraus, não sendo no entanto possível aferir se se tratam de flexuras ou de vestígios de um abrupto mais antigo e degradado, hipótese esta que levaria à constatação da existência de duas fases no levantamento da serra (*idem, ibidem*, 558). Por outro lado, é de reter o facto deste contacto se dar de forma praticamente coincidente com uma das linhas de fractura (a oriental) que na zona são originadas pela falha de Unhais da Serra-Bragança (Daveau, 1969: 49).

A serra do Ralo encontra-se, portanto, nos limites da Estrela — uma das unidades orográficas que integram a Cordilheira Central Ibérica em Portugal —, sendo limitada a SE por uma complexa rede de nascentes que alimentam a ribeira da Cabeça Alta, uma das linhas de água subsidiária do Mondego. O limite NW é abrupto, descendo a sua vertente de forma acentuada até à plataforma do Mondego. Por sua vez, o limite NE, correspondente à ponta do esporão, vai-se desenvolvendo de forma mais suave até à Bacia de Celorico, um dos abatimentos marginais que bordejam a Cordilheira Central e por onde o Mondego descreve acentuada curva entre a sua saída da montanha e a entrada na superfície beirã (Ribeiro, 1954: 559).

Quanto à sua natureza geológica, a serra do Ralo corresponde a um maciço de granito porfiróide de grão fino a médio, essencialmente biotítico, aflorando aqui e ali alguns afloramentos. Destaque-se também a presença, como já referimos, de várias lajes de contornos trapezoidais e subtrapezoidais com diversos tamanhos que facilmente se poderão confundir com fragmentos de estelas não decoradas (em algumas partes da Beira estes elementos pétreos, cuja morfologia é de origem natural, são conhecidos como “pedras bem-feitas”). No terreno é também visível a ocorrência de filões de aplito-pegmatitos (“Carta Geológica de Portugal”, Folha 17-B, escala 1: 50.000)⁵ relacionados com recursos estaníferos que, nesta região da Beira Alta, cor-

⁵ Infelizmente a notícia explicativa desta folha não se encontra publicada.

respondem a uma das mais expressivas manchas (“Carta Mineira de Portugal”, escala 1: 500.000, 1960).

A existência de uma considerável espessura sedimentar permite o actual plantio de pinheiro e centeio, cultura esta que ainda em meados do século XX seria a base agrícola da região a estas altitudes (Ribeiro e Santos, 1951: 61). Também de decisiva importância económica seria o cultivo da batata e do milho, culturas que curiosamente ainda identificámos esporadicamente não muito longe e a cotas pouco mais baixas (por volta dos 800 m, no Monte Verão, de que voltaremos a falar). Mas se nos ativermos apenas à vegetação espontânea encontramos-nos, de acordo com os pressupostos da Fitossociologia (Costa *et al.*, 1998), no Sector Estrelense que, por sua vez, se integra na Província Carpetano-Ibérico-Leonesa, Superprovíncia Mediterrânica Ibero-Atlântica, Sub-região Mediterrânica Ocidental da região Mediterrânica. Dada a elevada antropização da serra, é difícil estabelecer os limites do sector e mesmo identificar a sua vegetação potencial com segurança. Contudo, a presença dos urzais de *Junipero nani* - *Ericetum aragonensis* e dos urzais mesofíticos do *Genistello tridentae* - *Ericetum aragonensis* s. l. leva a admitir que a vegetação potencial do sector se integra na associação de óptimo supratemperado *Holco mollis* - *Quercetum pyrenaicae*. Na verdade, o primeiro dos urzais referidos e, em parte, o segundo “são etapas subseriais daqueles carvalhais de carvalho-negral (*Q. pyrenaica*)” (Costa *et al.*, 1998: 29). Quanto à criação de gado, o ovino seria o mais representado (Ribeiro e Santos, 1951: 68), não sendo certamente por acaso que nos encontramos numa zona privilegiada de produção do famoso “queijo da serra”.

Relativamente ao clima, encontramos-nos, de acordo com Lautensach (1997: 364-366), na “Província Montanhosa do Norte de Portugal”, região situada na metade norte do país entre o litoral e o centro da Península, em altitudes superiores a 800 e 1000 m. Segundo este autor, esta província caracteriza-se pela existência de Verões relativamente quentes e Invernos frios e nevosos. As precipitações variam entre os 1000 mm e os 3000 mm, consoante nos encontremos nos vales ou já nos cumes. Os neveiros são frequentes, em particular no Verão. Também frequentes são as tempestades. Já a humidade do ar é bastante moderada, mesmo no Verão, quando atinge os cerca de 65%.

Assinale-se ainda o desenvolvimento que os recursos estaníferos de aluvião do Mondego assumem nesta região, conforme regista a “Carte Minière du Portugal” (Thadeu, 1965: 27).

De grande importância é o espectro visual de que dispõe a serra do Ralo. Este é excepcionalmente amplo de NE a SW. Assim, é perfeitamente possível a observação, num ângulo que vai de N.NE a NE, da planitude da Meseta, apenas interrompida pela serra da Marofa e pelas serras de Urros e Reboredo, localizadas já a norte do Douro. No ângulo definido entre N.NE e NW reconhecem-se a serra da Nave e a superfície fundamental dos planaltos centrais da Beira Alta, rematadas ao fundo pela serra do Montemuro. Do outro lado do Douro, destaca-se ainda o limite meridional do Marão. Entre NW e SW é toda a plataforma do Mondego que se espraia frente aos nossos

olhos. Dentro deste ângulo, a nossa visão é interrompida somente pelas restantes montanhas ocidentais da Beira que são, para além da já referida serra do Montemuro, o Maciço da Gralheira e a serra do Caramulo (Ferreira, 1978: 8). A distâncias mais curtas, deve-se salientar a visibilidade para a bacia da ribeira da Cabeça Alta (para E e NE) e para o Monte Verão, cujo ponto culminante — Pedra Aguda — terá sido ocupado durante a Idade do Bronze e Idade do Ferro e, com alguma incerteza, também em época romana (Vilaça, 2009a: 19-21). Para S e SE, a vista é ainda mais limitada pela “bela escarpa de Cabeça Alta - Penha de Prados” (Ribeiro, 1954: 558), nela se destacando o imponente afloramento portador deste último topónimo, referência indelével na região (Estampa 3).

Metodologia de registo

Os decalques das peças foram feitos sobre plástico de cristal transparente pouco espesso, segundo metodologia que temos utilizado (por ex., Santos *et al.*, neste volume). Na fase de redução dos desenhos e tintagem, os limites das faces e as gravuras foram representados a negro; o limite apresenta (à escala 1:2) a espessura de 1,5 pontos; a espessura do desenho das gravuras é coincidente com a das gravuras em si; no caso do espelho a diferença de profundidade entre a terminação proximal da pega e a base foi representada com recurso a linha branca que separa as diferentes realidades. As fissuras e lascamentos naturais foram delimitados a linha pontuada cinzenta (RGB A3A3A3) de 0,5 pontos de espessura (à escala 1:2).

Descrição e iconografia das peças

1. Pedra da Atalaia 1

Estela de configuração poligonal com secções longitudinal e transversal sub-rectangulares (Estampas 4 e 5). A base foi facetada de forma a obter uma forma *grosso modo* triangular e pontiaguda que facilitasse a implantação vertical da estela no solo. O resto da peça apresenta uma morfologia trapezoidal, diminuindo gradualmente a largura e espessura da mesma à medida que nos aproximamos da extremidade distal, sector que se encontra fracturado. As faces que se encontrariam à superfície estão bastante regularizadas e lisas, tratamento que, pelo menos na face historiada, tem origem antrópica. Actualmente a estela apresenta 138 cm de altura máxima, variando a largura entre 60 cm, do sector mais largo da base, e 36,40 cm da extremidade distal actualmente conservada. A espessura é bastante regular, andando em torno dos 21,5/22 cm.

A estela foi elaborada a partir de uma laje de granito porfiróide de grão médio, essencialmente biotítico, de cor castanho-amarelada. Embora não tenha sido sujeita a análise, a sua origem é, seguramente, das imediações do achado. Encontra-se fracturada no topo, onde, decerto, existiria a gravura de uma lança.

O reportório consiste, de cima para baixo, num escudo, numa espada e num

espelho⁶.

O primeiro é representado por três círculos concêntricos, apresentando os dois mais exteriores uma escotadura orientada à direita. O diâmetro maior, perpendicular à escotadura, tem 34,7 cm. A abraçadeira é representada por um rectângulo de cantos arredondados com o eixo maior alinhado na direcção das escotaduras.

A espada, com o comprimento total de 43,2 cm, apresenta uma lâmina aparentemente pistiliforme, com a largura máxima de 6,18 cm, encimada por punho sub-retangular, com o comprimento de 6,28 cm, delimitado por dois copos algo inclinados para a lâmina e dois apêndices exteriores no topo.

O espelho apresenta o disco de forma subelíptica (8,48x3 cm), com o comprimento total de 14,28 cm. Possui pega simples, com 5,8 cm, rematada por base transversal, particularidade que parece ser inédita nas representações conhecidas. A sua superfície foi regularizada.

Tecnicamente, todo o conjunto foi conseguido por picotagem. A modalidade indirecta foi seguramente usada no escudo, a avaliar pelos seus picotados mais profundos, sendo difícil identificar qual a que terá sido usada nos restantes motivos. Os sulcos apresentam negativos de contorno subcircular e profundidades que variam entre 1,5 e 2 mm.

2. Pedra da Atalaia 2

Esta peça apresenta forma subtrapezoidal, encontrando-se fracturada na base (Estampas 6 e 7). As secções transversal e longitudinal são subtrapezoidais com cantos arredondados. De altura mede 31 cm, sendo 37 cm o valor da largura na base; a espessura varia entre 12 cm na base e 6 cm no topo.

Na sua elaboração aproveitou-se uma laje de granito de natureza idêntica ao de Pedra da Atalaia 1, não se podendo garantir que exista algum tipo de trabalho de preparação anterior à gravação da composição iconográfica; esse aparente tratamento poderá corresponder, simplesmente, ao que caracteriza as “pedras bem-feitas” a que nos referimos atrás.

A face historiada é dominada por uma forma acampanulada de base recta reticulada no interior, com a altura de 15,29 cm e o comprimento de 17,78 cm. Pela organização do mesmo, sabemos que não foi conseguido pela justaposição simples de sulcos verticais e horizontais que iriam de uma ponta à outra do limite do motivo. Na verdade, a terceira e quarta colunas (e respectivos travessões interiores) parecem ter sido as primeiros a serem gravadas. À esquerda foram gravadas a primeira e segunda colunas. À direita gravou-se a parte da composição correspondente à quinta e sexta colunas até à

⁶ A nossa interpretação, com base na observação directa da peça e respectivo levantamento, difere da que foi proposta por Marta Guadardino (cfr. nota 4), nomeadamente na representação das figuras da espada (zona do punho) e do espelho, apresentado com lâmina bífida, à semelhança das navalhas de barbear. Na tese de doutoramento desta nossa colega, entretanto concluída e que, gentilmente, nos fez chegar já este texto estava em fase de conclusão, é mantida essa leitura (*Las Estelas Decoradas de La Prehistoria de La Península Ibérica*, Universidad Complutense de Madrid, 2009, p. 266; 332).

quinta linha a contar da base. O sulco que limita esta linha foi continuado até ao limite direito, sendo em seguida gravados os segmentos da direita e os restantes do topo.

Na segunda figura, junto à base daquela, foram gravados dois arcos de círculo concêntricos. O superior é interrompido à esquerda pela fractura da base, terminando à direita antes de atingir aquela. Já ambas as extremidades do inferior são interrompidas pela fractura da base.

Tecnicamente, os motivos foram conseguidos por picotagem, seguramente de forma indirecta, pelo menos no caso do motivo reticulado. Os sulcos apresentam profundidades que variam entre 1,5 e 2 mm.

Análise comparativa, cronologia(s), contexto geo-arqueológico e valorização

Como vimos, ambas as estelas encontram-se fragmentadas, o que diminui qualquer exercício comparativo e exaustivo que se pretenda fazer.

Completa, a de Pedra da Atalaia 1 deveria possuir na extremidade distal, acima do escudo, e de acordo com os cânones iconográficos deste tipo de estelas, a representação de uma lança. Tudo indica que se trata de uma estela inserível no Subtipo II b (Almagro, 1966: 198; Gomes e Monteiro, 1976-1977: 311) com a clássica composição cénica de base escudo-espada-lança e outros elementos, neste caso, o espelho.

Regionalmente, idêntica composição era conhecida nos exemplares de San Martín de Trevejo (Cáceres) (García de Figuerola, 1982) e de Três Arroyos (Albuquerque, Badajoz) (Almagro, 1966: 61). A estes juntam-se agora mais três: estelas de Barçal 2 (Sabugal) (Santos *et al.*, neste volume), Puerto de Honduras (Cáceres) (Sanabria Marcos, neste volume) e Robleda (Salamanca) (Martín Benito, 2009). No total, perfazem seis casos com estreitas afinidades iconográficas, para além da característica particular de se concentrarem numa região relativamente bem delimitada, i.e., nos e na órbita dos contrafortes da Cordilheira Central. Que significado terá esta concentração de estelas onde, às três armas clássicas, só foi permitido juntar a representação de um objecto, o espelho?⁷

Deixemos as armas, tema recorrentemente comentado, seja no que respeita às presumíveis origens, seja quanto à tipologia e cronologia, neste caso bem patente em trabalhos recentes (Harrison, 2004: 124-144; Brandherm, 2007: 134-155), e centremo-nos antes na representação do espelho. De simbologia ambígua, por natureza, porque é ele próprio e, simultaneamente, o que nele se reflecte, o espelho é, assim, no seu âmago, um objecto amorfo, despido, cujos conteúdos não só são mutáveis, como lhe são impostos de fora. Por isso, os espelhos são mágicos (Vázquez Hoys, 1984: 23; Celestino Pérez, 2001: 164), relacionando-se quer com a vida (e a estética), quer com a morte, ou seja, com o que é e está, e com o que ainda não é nem está, mas será. Nesta linha, defendeu-se também que os espelhos, tal como a água e os rios, seriam

⁷ Como é sabido, nas Beiras, o espelho também está figurado na estela II de S. Martinho (Castelo Branco), muito distinta no suporte e composição iconográfica (Gomes e Monteiro, 1976-1977: 314-315).

“portas”de acesso ao outro mundo, o que lhes conferia valor funerário (Warmenbol, 2007: 388). Mas a tese, perfilhada por este mesmo autor, de que as figurações nas estelas interpretadas como espelhos são antes navalhas de barbear (Warmenbol, 2007: 389), já não nos parece ter sido cabalmente demonstrada, nem incontestável é a argumentação que a sustenta, conforme foi recentemente defendido (Vilaça, 2009b: 506-507). Continuando a admitir como mais correcta a interpretação clássica⁸, debruçemo-nos ainda na posição do espelho de Pedra da Atalaia 1.

Alguns autores têm dado atenção ao posicionamento relacional dos vários elementos iconográficos entre si e com o respectivo suporte, assumindo este como a própria corporização do guerreiro. Efectivamente, nesta categoria de estelas, pautadas pela ausência da figura humana, pode visualizar-se a projecção do corpo humano, tridimensional, numa superfície plana através da distribuição dos diversos elementos representados. Assim, numa “correcta” abordagem em termos anatómicos, nunca o espelho de Pedra da Atalaia 1, aliás como o de Baraçal 2, deveriam ocupar o lugar em que se encontram, i.e. no terço inferior, em zona equivalente à dos membros inferiores do personagem que é evocado. Idêntico posicionamento encontra-se em S. Martinho II, aqui numa explícita proximidade do espelho às pernas da figura humana. Pelo contrário, o posicionamento “correcto”, i.e. ao alcance da mão, seria no terço superior e/ou mesial, como se verifica em Três Arroyos, Robleda, Puerto de Honduras e San Martín de Trevejo.

A localização do espelho e a sua potencial correlação com as partes do corpo humano pouco ajudam, assim, na resolução da magna questão do carácter funerário, ou não funerário, destas estelas, problema que não se identifica porém, em nosso entender, com a função sepulcral, ou não sepulcral das mesmas. Neste caso, pressupõe-se a existência (ou não) de uma sepultura, independentemente do tipo construtivo e do ritual; as estelas teriam, antes de tudo, uma função sinalizadora. Naquele, evoca-se (ou pode evocar-se) alguém que já morreu, cuja sepultura até se pode encontrar em um outro lugar, ou em lugar algum; as estelas seriam aqui meros cenotáfios, evocativos e comemorativos.

Em Pedra da Atalaia 1, e nas demais estelas antes mencionadas, o que nos parece notório é, desde logo, a adição de um elemento marginal — o espelho —, na função e significado, à panóplia guerreira presente. A variabilidade da sua localização contrasta, de alguma forma, com os cânones do conjunto lança/escudo/espada, bastante mais rígidos na sua inter-relação, comportando-se aquele como elemento algo intruso na composição cénica. Depois, deve ser sublinhado que se trata de um elemento cujos protótipos são de origem mediterrânea, devendo, por isso, articular-se com as redes de contacto atlântico-mediterrâneas desenvolvidas a partir de finais do II milénio a.C., nas quais o Centro do território português assumiu papel destaca-

⁸ Para outros comentários relativos à presença e significado de espelhos nas estelas da região em análise, vejam-se neste volume, por exemplo, os trabalhos de Santos *et al.*, e de Sanabria Marcos, entre outros.

do⁹. Finalmente, tem de ser reconhecido, entre os elementos de inspiração oriental e estritamente associados ao corpo, como pentes¹⁰, fíbulas e pinças, o papel cimeiro e recorrente da representação dos espelhos.

Quanto à cronologia, Pedra da Atalaia 1 não tem de ser considerada necessariamente tardia, i.e. do séc. VIII a.C., pela presença de um espelho. É que, e não obstante o desconhecimento de referentes reais de espelhos no registo arqueológico do Centro do território português¹¹, nada impediria a sua manipulação efectiva, ou tão-só simbólica, juntamente com alguns dos demais elementos antes mencionados (e outros), os quais provêm de contextos bem datados naquela região, podendo recuar à charneira do II-I milénios a.C. Também não valorizamos excessivamente inferências cronológicas com base na tipologia das espadas (veja-se Santos *et al.*, neste volume), não obstante reconhecermos, a este propósito, o notável esforço de Dirk Brandherm (2007: 21-25; 135-155). Em rigor, não cremos que seja possível avançar no sentido de uma cronologia muito fina, nem tal nos parece prioritário.

As estelas com as características que temos vindo a comentar conduzem-nos ao grupo das “estelas básicas” de Sebastián Celestino, conotado, preferencialmente, com a Zona I ou Serra de Gata, embora também presentes nas Zonas, II, III e IV, ou seja, Vale do Tejo-Serra de Montánchez, Vales do Guadalquivir-Zújar e Vale do Guadalquivir (Celestino Pérez, 2001: 48-57; 92). Naturalmente que a informação hoje disponível, passados que estão mais de dez anos férteis em novos achados, obriga-nos a refocalizar este quadro distributivo. No que toca o Ocidente peninsular, que aqui nos importa, sublinharíamos duas coisas. Por um lado, a transgressão da tradicional fronteira daquele tipo de estelas, i.e. além da Cordilheira Central, de que Pedra da Atalaia 1 e Robleda são responsáveis, transgressão essa que é, porém, controlada, ou seja, a região matriz, perfeitamente identificada por aquele investigador, é apenas alargada, logo, reforçada. Mas, simultaneamente, parece manifestar-se um fenómeno de dispersão e descontinuidade deste tipo de peças, agora para o NW peninsular, de que o surpreendente achado de Tojais (Cervos, Montalegre), com escudo, lança e zoomorfo, para já isolada e distante, é protagonista (Alves e Reis, neste volume).

Em síntese, pensamos que este grupo de novas e velhas estelas que se organiza na órbita da Cordilheira Central — a sul e agora também a norte —, com a clássica trilogia das armas, a que se junta sistematicamente o espelho, configura uma clara e coesa diferenciação geográfica em relação a outras áreas, i.e. de um padrão de representação com sentido territorial na linha proposta por Galán (entre outros, 2000:

9 Sobre esta problemática veja-se, por exemplo, síntese recente onde se discutem os principais contributos e respectiva bibliografia (Vilaça, 2008: 105-159).

10 Não se exclui a possibilidade de ter existido a figuração de um pente ou fíbula na parte que se fragmentou da estela de San Martín de Trevejo (García de Figuerola, 1982: 174-175).

11 Admite-se que alguns dos artefactos designados como “*tranchets*” possam corresponder a pegas de espelhos, pelas similitudes com alguns exemplares da Sardenha. Sobre o assunto, veja-se o estado da questão em Vilaça, 2008-2009.

1791). Que sentido é esse? As respostas encontrar-se-ão, quanto a nós, não na arqueologia das estelas, mas na arqueologia do povoamento (estelas, povoados, necrópoles, santuários, depósitos metálicos), que as estrutura e as substantiva socialmente.

À relativamente fácil leitura — sabendo nós bem que não há leituras fáceis quando se lida com linguagens iconográficas — da estela de Pedra da Atalaia 1, coloca-se-nos a de Pedra da Atalaia 2, de muito mais difícil adscrição e discernimento, desde logo porque se encontra também incompleta, mas principalmente pela natureza dos motivos representados: puramente geométricos, não sabemos dizer o que representam, aspecto que se reflecte no momento de uma atribuição cronológica e cultural seguras.

Assim, o estado fragmentário da peça não nos permite avaliar a totalidade da estrutura figurativa e, conseqüentemente, não podemos deixar de nos interrogar sobre a intencionalidade dos gravadores quanto à disposição — horizontal ou vertical — da mesma. A avaliar pelo progressivo afinamento da espessura do suporte, tudo leva a crer que esta seria disposta na vertical. Mas valerá a pena dedicar-lhe alguns comentários, bem como à simbólica presente: uma figura reticulada.

Efectivamente, os reticulados na arte rupestre são composições recorrentes ao longo dos tempos, desde determinados signos da arte paleolítica (Sauvet *et al.*, 1977: 546, tab. I) até aos possíveis tabuleiros de jogo de cronologia histórica (Costas Goberna e Hidalgo Cuñarro, 1998), passando pela arte megalítica, por exemplo, do monumento de Antelas (Oliveira de Frades) (Castro, *et al.*, 1957: ests. VI, VII e XI), ou por outras representações dos III-II milénios, quer ao ar livre, caso de Ardegães (Twohig, 1981), quer em gruta, como Cueva Maja (Cabrejas del Pinar, Soria) (Gómez-Barrera, 1992: 56-89), quer ainda em esteios de cistas, de que As Antas (Galiza) é exemplo (Vasquez Varela, 1985-86). Porém, é a partir do Bronze Final que os reticulados aparecem gravados em suportes de tipo laje, podendo algumas destas, a avaliar pela disposição da decoração, corresponder a estelas, isto é, serem monólitos que, originalmente, seriam colocados na vertical (Santos e Marques, 2007: 40-41).

No Centro do território português conhecemos reticulados daquele último período em exemplares oriundos de ambientes funerários, como Casinha Derribada (Viseu) (Cruz *et al.*, 1998: 51), Rochão (Viseu) (Santos e Marques, 2007), ou Cadouço (Castro Daire) (Cruz, 2001: 332). Mas também de outros contextos, não funerários, se bem que de potencial e provável valor simbólico como o do povoado de Canedotes (Vila Nova de Paiva) (Canha, 1999: 290), ou o da laje da Travessa das Escadas (Vilar Maior), neste caso de cronologia mais imprecisa, mas talvez no âmbito da Idade do Bronze (Santos, 2008: 20). De período provavelmente mais recente há que referir ainda o notável caso de Travessa da Lameira de Lobos (Castro Daire), monumento funerário-cultural definido por estrutura circular composta por 40 estelas gravadas nas faces exteriores¹².

12 Monumento em estudo por dois dos autores (A.T.S. e R.V.) juntamente com Domingos Cruz e João Nuno Marques.

Porém, ao contrário das peças conhecidas da Idade do Bronze, a de Pedra da Atalaia 2 possui uma diferença fundamental: a inscrição do reticulado numa forma acampanulada. Na verdade, os reticulados daquelas não são delimitados por qualquer forma. Os traços que configuram as celas terminam, digamos, “no ar”. Isto leva-nos a interrogarmo-nos, de novo, sobre a natureza da peça. Esforçamo-nos por procurar compreendê-la, integrando-a num conjunto de outros exemplares históricos do Bronze Final, nomeadamente beiraltino, e provenientes, na sua maioria, de contextos funerários. Mas não é segura essa atribuição cronológica para o reticulado de Pedra da Atalaia 2.

A estela exhibe ainda, abaixo do reticulado, dois arcos de círculo paralelos, incompletos, que consubstanciaríamos uma outra figura. Qual? Não sabemos. Dizer que poderiam corresponder a um escudo, é mera hipótese. Nesse caso, teríamos uma outra estela do Sudoeste onde, tal como se visualiza em outras, se adicionaram elementos atípicos (aqui o reticulado) de difícil interpretação.

Hipótese alternativa, e igualmente não muito credível, é a de considerarmos que as duas linhas em arco de círculo simbolizariam adereços, como colares, o que nos levaria ainda mais longe em termos interpretativos. Como a sua correcta leitura implicaria uma rotação da estela em 180° relativamente à orientação decorrente da leitura que postulámos para o reticulado, estaríamos perante uma peça reaproveitada, i.e. transformada, por ter sido gravada em dois sentidos opostos, e também por isso, de cronologia de potencial longa duração. Por outro lado, em princípio, e de resto mais do que confirmado em inúmeras situações, quer pela distribuição dos motivos, quer pelo afeiçoamento da superfície e patines dos suportes, estas estelas eram cravadas no solo. Mas, e se algumas, concretamente as de menor porte, fossem só, ou pudessem ser só, poisadas? Pedra da Atalaia 2, com o topo aplanado, poderia “funcionar” *também* desse modo, o que não exigiria necessário enterramento do motivo reticulado quando orientada em função dos presumíveis colares.

Num derradeiro esforço de compreensão, e relacionando agora os dois elementos figurativos entre si, esqueçamos aquela nossa última reflexão e voltemos a colocar a peça na posição que temos como correcta. Deixando as lajes com reticulados e circunscrevendo-nos ao mundo das estelas, a hipótese alternativa, mas igualmente incerta, é a de se tratar, num estilo muito livre, de uma estela diademada que encontraria na de El Viso V (Celestino Pérez, 2001: 401) potencial, ainda que remota, referência. Sob os dois semicírculos, existiria a cabeça da personagem evocada; em vez de um diadema semicircular com linhas radiais, como naquela, o de Pedra da Atalaia 2, de elevado esquematismo, também em arco de círculo, é mais um toucado reticulado (ou um penteado¹³), como que empolado ou ostentoso, tal como o que se observa nas estelas de Ciudad Rodrigo II (Salamanca) (Bueno Ramírez, 1990: 102) e Cerezal II (Cá-

13 As figuras designadas como diademas são suficientemente distintas, podendo englobar outras realidades de ornamentação da cabeça e cabelo, como toucados, adornos em penteados, etc.

ceres) (Bueno Ramírez, 1987: 451), de região bem próxima da que abordamos. Enfim, tudo suposições, até porque também lhe faltam quaisquer indícios anatômicos, que muito ajudariam a entendê-la. O certo é que se trata de uma estela difícil.

Enquanto Pedra da Atalaia 1 se inscreve, sem problemas, no Bronze Final, i.e. entre finais do II e inícios do I milênio a.C., proposta que, intencionalmente e conforme referimos, não pretendemos esmiuçar, a cronologia de Pedra da Atalaia 2 é mais incerta por tudo o que referimos. É bem sabido que o esquematismo dos elementos figurados que vemos nesta estela revelam natural apetência para “biografias longas” decorrentes do elevado valor sócio-simbólico que expressariam nas comunidades. Por isso, tal como quanto à interpretação e simbólica daqueles, também não dispomos de elementos para uma atribuição cronológica bem fundamentada. E mesmo tratando-se de eventual estela diademada, a sua cronologia tanto poderia ser de finais do Bronze, contemporânea das estelas do Sudoeste (e de Pedra da Atalaia 1), tal como propôs Celestino Pérez (2001: 258) e se comprovou, por exemplo, com a estela 2 de Almadén de la Plata (Sevilha) (García Sanjuán *et al.*, 2006: 142), como anterior, tendo em conta a longa tradição indígena e duração dessas estelas¹⁴.

Mais seguro e, como tal, a valorizar, é o achado das duas estelas relativamente próximas, distanciando uma da outra cerca de 165 m. Independentemente da questão da eventual maior antiguidade de uma em relação à outra, em algum momento terão sido sincrónicas. Tratando-se de entidades públicas, i.e. visíveis e socialmente partilhadas, uma não anulava a outra, mesmo admitindo que a mais antiga já nada importasse à comunidade. Importaria, seguramente, a memória do lugar, que continuaria significativa. De certo modo, e neste sentido, as estelas não têm só *a cronologia de...*, mas *a cronologia a partir de...*

São vários os casos conhecidos de achados plurais de estelas¹⁵ num mesmo espaço, independentemente das suas (di)semelhanças iconográficas e cronológicas, como testemunham as de Torrejón El Rubio I e II, ou as de Zarza Capilla I e II (Celestino Pérez, 2001: 329-331; 380-381), ou as de Cortijo de La Reina (Córdova) (Murillo Redondo *et al.*, 2005), para dar alguns exemplos. Na região, são exemplo as três de S. Martinho, as oito de Hernán Pérez (Cáceres) (Almagro, 1972) e as duas de Baraçal (Santos *et al.*, neste volume). Alguns dos achados conjuntos também englobam estelas não decoradas, como parece ter ocorrido com a de San Martín de Trevejo (Celestino Pérez, 2001: 279-280).

No caso presente, e embora não tenha ficado totalmente esclarecida a existência de dois outros pequenos fragmentos de eventuais estelas, não podemos deixar de admitir a remota possibilidade de corresponderem ao que resta de pequenas estelas

14 A simbologia do diadema poderá oferecer uma diacronia ainda mais lata se admitirmos a sua figuração em cerâmicas celtibéricas, como a do vaso de Ocenilla (Sória), com figura humana diademada (ou com capacete, na opinião de Sopeña, 2005: 373) e lança na mão.

15 À semelhança de outras propostas, por exemplo para as necrópoles celtibéricas, admite-se também a eventualidade da existência de peças em materiais perecíveis, como madeira (Díaz-Guardamino Uribe, 2008: 35).

não gravadas, ou seja, com “outras biografias”, ou testemunharem até mesmo restos de antigas estruturas desmanteladas. Mas é hipótese remota pelos motivos referidos no início deste texto.

É também sabido que essas situações, e sem que haja outros dados que o possam confirmar, ou infirmar, têm conduzido a leituras de âmbito funerário e outras de cariz ritual, não funerário, antes associadas a santuários ou lugares de culto. Naturalmente que a natureza dos conjuntos — estelas com a mesma composição cénica ou com ela distinta, com a mesma cronologia ou não, para além do próprio número — são condicionantes. Todas elas são plausíveis e não necessária nem sempre contraditórias, sabendo nós muito bem que, conjuntamente com as evidências arqueológicas (e a falta delas), lidamos com entidades acentuadamente polissémicas.

Mas não pondo de parte que Pedra da Atalaia 1 e 2 são referentes de momentos algo distanciados no tempo, e sem nos querermos perder no(s) significado(s) específico(s) carregados de mensagens de cada uma delas e da forma como foram simultânea, ou sucessivamente, (re)interpretados, o que fica subjacente à sua materialidade é o “sentido de lugar” na acepção fenomenológica de Feld e Basso (1996: 11)¹⁶, i.e., num entrosamento das morfologias com a experimentação e percepção sociais. Consequentemente, do que se trata é da feição memorialista das comunidades subjacentes que deram existência e sentido(s) a este tipo de materialidades (Vilaça, 2000: 39).

O aparecimento conjunto das estelas de Pedra da Atalaia 1 e 2, naquele sítio específico, que deve ser considerado como o de origem das peças — i.e. o seu próprio contexto geo-arqueológico —, e a localização desse local num dos contrafortes ocidentais do maciço da Serra da Estrela, são bastos elementos para classificar estas peças como um dos mais importantes achados efectuados nos últimos anos nesta região da Beira Interior.

Por outro lado, nada existindo que possa pôr em dúvida a sua proveniência, e não obstante a profunda transformação antrópica resultante da instalação do “Parque Eólico”, é desejável desenvolver, futuramente, adequados e mais intensos trabalhos de campo nas áreas envolventes imediatas, assim como nas outras plataformas e elevações mais próximas do aparecimentos das estelas, ou seja, importa atender aos respectivos contextos micro e macro.

Como referimos no início, já na sequência do acompanhamento da Linha de Alta Tensão, mais concretamente na proximidade do poste 12, foram identificadas cerâmicas à superfície no sítio do Vilhagre¹⁷. Durante as prospecções foi possível per-

16 “Senses of place: the terrain covered here includes the relation of sensation to emplacement; the experiential and expressive ways places are known, imagined, yearned for, held, remembered, voiced, lived, contested, and struggled over; and the multiple ways places are metonymically and metaphorically tied to identities.”

17 Possui as coordenadas centrais x: 261172; y: 404439. O sistema de coordenadas utilizado é o Hayford-Gauss (Datum de Lisboa, com ponto fictício no Cabo de S. Vicente).

ceber que o material cerâmico se cingia sobretudo à plataforma aplanada e limpa dos blocos graníticos, embora surgisse também, mas em número reduzido, ao longo das vertentes (identificação de material no acesso entre os postes 13 e 14). São de fabrico manual, embora de cronologia imprecisa, mas poderão denunciar a existência de eventual habitat. Na zona foi também identificado um afloramento com “covinhas”.

Bem mais importante, e que importa articular com as estelas numa futura análise do povoamento pré e proto-histórico desta zona, é o povoado muralhado de Monte Verão/Pedra Aguda (Rapa), situado a NE da Pedra Atalaia, que lhe fica próximo. A sua contemporaneidade com as estelas (ou a estela 1) é confirmada pela presença de cerâmicas de “tipo Baiões/Stª Luzia”, de há muito conhecidas (Vilaça, 2009a: 20-21). De um ponto de vista meramente ergológico, sublinhe-se esta proximidade de um item típico da Beira Central (as cerâmicas) e de um outro (Pedra da Alataia 1) que, do ponto de vista conceptual, tem uma natureza mais meridional e interior.

De momento, face aos limitados conhecimentos que temos do povoamento do Alto Mondego na charneira do II para o I milénio a.C., diríamos que aqueles dois factores são premonitórios, conjuntamente com outros globalmente contemporâneos que conduzem a uma aproximação à tecedura do povoamento da época (Vilaça, 2009a: 22). Esta região que, de um determinado ponto de vista, é interface do Centro-Sul da Beira Interior e da Beira Central — dois dos mais dinâmicos pólos de então, com múltiplas afinidades culturais, mas também com especificidades não menos importantes —, merece-nos a maior atenção, podendo ajudar a compreender, igualmente, o entrosamento da componente cultural mesetenha no mundo beirão, denunciado, entre outros, nos povoados do Caldeirão (Guarda) (Perestrelo, 2000), também relativamente próximo, a SE de Pedra da Atalaia, e um pouco mais afastado, o do Cabeço das Fráguas (Guarda)¹⁸. A riqueza mineira da região, designadamente em recursos estaníferos, deverá ter desempenhado papel estruturante na rede de povoamento.

Mas junto ao povoado de Monte Verão/Pedra Aguda, na Quinta da Boa Vista (Rapa), foram ainda encontrados artefactos (taça carenada e dois machados (lingotes? de cobre) que remetem para cronologia mais antiga (Bronze Médio?) (Vilaça, 2009a: 20 e Figs. II e IV-5), o que é particularmente interessante, não só em si mesmo, mas se articulados com Pedra da Atalaia 2. É admissível que esta estela possua cronologia um pouco anterior à de Pedra da Atalaia 1, indicando, conjuntamente com aqueles materiais, que a zona era já ocupada ou, pelo menos, frequentada, i.e. com um processo de territorialização em curso.

A problemática da vinculação de estelas a povoados é-nos particularmente cara e estamos profundamente convictos que deve ser caminho a explorar. Diversos investigadores chamaram já a atenção para esse binómio, por vezes espacialmente coincidente, outras vezes assumindo apenas uma relação de proximidade geográfica e de cumplici-

18 Além de materiais de prospecção, também os resultados de escavações recentemente realizadas neste sítio, cujos materiais estiveram, em parte, expostos no Museu Municipal da Guarda (Primavera de 2010), apontam nesse sentido.

dade visual, como será o presente caso (Estampa 8). Algumas situações específicas têm sido analisadas com fundamento, por exemplo, a de La Atalaya de la Moranilla, Ecija (Tejera Gaspar *et al.*, 1995), entre várias outras. É igualmente possível discuti-la na Beira, com bases empíricas, desde logo com o caso das estelas de S. Martinho, encontradas na própria área do povoado-santuário (Vilaça, 1995: 404; 2000: 38; 2004), e ainda Meimão (Penamacor) (Vilaça, 1995: 84; 402)¹⁹, Baraçal (Santos *et al.*, neste volume) e Aldeia Velha (Vilaça *et al.*, neste volume), para além das de Pedra da Atalaia.

Considerações finais

Como este texto expressa, as estelas de Pedra da Atalaia 1 e 2 constituem um caso de capital interesse, desde logo porque foi possível congregiar elementos que permitem referenciar com segurança o seu local de proveniência. Um deles reporta-se ao achado próximo de ambas as estelas, proximidade que define, por si só, um contexto arqueológico para elas. O outro reside no facto de terem aparecido em meio natural, tombadas, eventualmente arrastadas, mas não de muito longe e do que teria sido o local da sua implantação.

Pedra da Atalaia 1 e 2 importam ainda por consubstanciarem o achado de duas estelas. Mas mais. É o achado conjunto de duas estelas conceptualmente distintas, que tanto poderão expressar diacronia como o contrário, aspectos que não conseguimos, todavia, esclarecer cabalmente. É claro que uma e outra determinam leituras distintas, que procurámos explorar. O certo é que nem uma nem outra poderão ser entendidas como formas de expressão na paisagem completamente desconhecidas, uma vez que na região mais próxima encontramos o mesmo fenómeno consubstanciado na estátua-menir de A-de-Moura (Santana de Azinha, Guarda) (Silva, 2000). De certo, outras mais haverá...

Não menos importante é o facto do local de proveniência das duas estelas corresponder a um lugar de referência e de grande impacto paisagístico, i.e. a linha de fecho da serra do Ralo, na extremidade noroeste das faldas da serra da Estrela (Estampas 1, 2, 3 e 8). Conforme descrevemos no ponto 2, o espectro visual que se detém do local de achado das estelas é notável, dominando todo um espaço envolvente, ele próprio revestindo-se de expressivo potencial cénico. A sua condição de lugar natural de passagem não deverá ser dissociada da existência das próprias estelas, nem admira, por isso que, mais tarde, uma via romana marcasse próximo o seu percurso (Carvalho, 2009:37). O sopé é igualmente percorrido por ancestral via de circulação — ainda hoje principal via de passagem obrigatória —, constituindo o sítio de achado das estelas verdadeira atalaia como bem expressa o seu topónimo. Mas a própria cumeada, visível desde a envolvência, e de muito longe também, estrutura-se como

19 Prospecções realizadas no Verão de 2009 na serra da Malcata por um dos autores (R.V.), juntamente com Marcos Osório e António Martino, permitiram recolher informação adicional que confirma a existência de dormentes e moventes na área de achado da estela, o que também já se verificara em prospecções anteriores (Vilaça, 1995: 84).

barreira num horizonte linear, só perturbado pelo gigantesco conjunto de afloramentos da Penha dos Prados, lugar natural de referência de todos os tempos (Estampa 3).

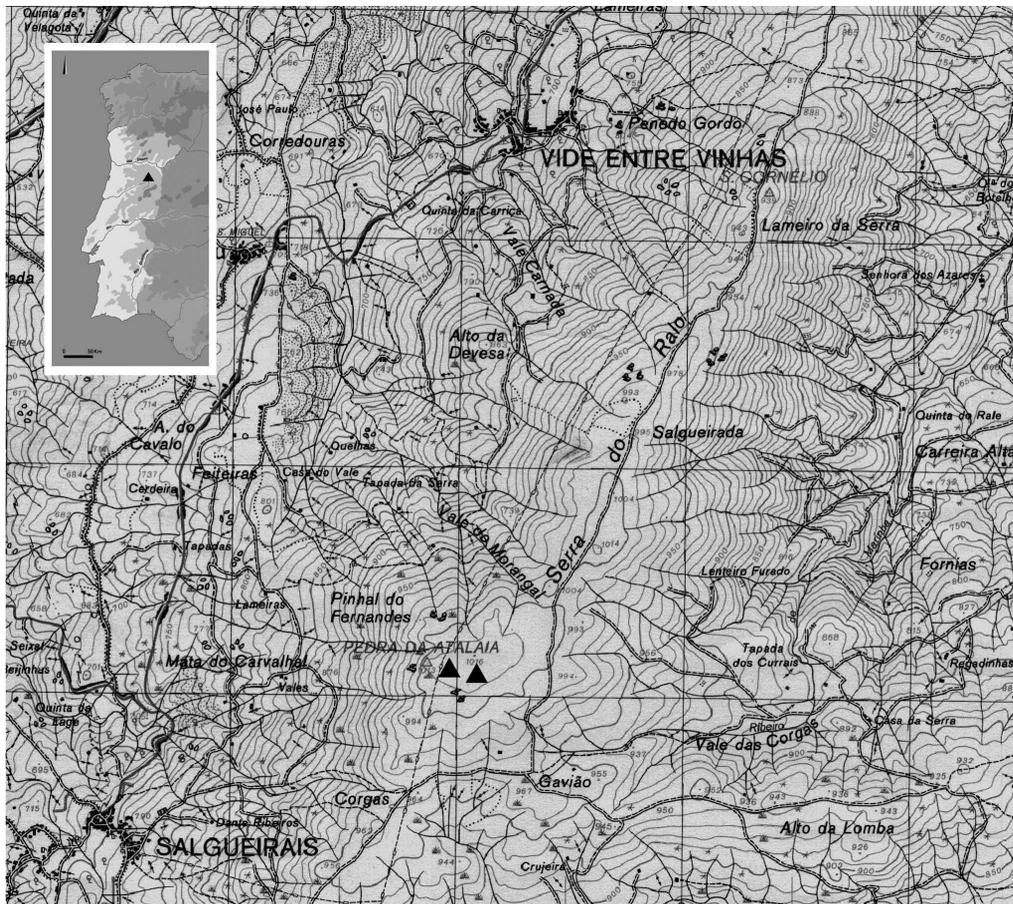
Assinalando a separação das duas unidades geo-morfológicas mais próximas — a serrana e a que se espalha na fértil Bacia de Celorico — a serra do Ralo poderá ter servido de fronteira a comunidades distintas — não num sentido apartador, mas, pelo contrário, de proximidade e reunião, porque lugar neutro —, polarizadas em torno das estelas. Ou, se quisermos, em função de um lugar de memória, que, por definição, é revisitado. Distintas comunidades deveriam, ciclicamente, acorrer a certos “pontos de encontro”, como este, de particular apetência à prática e reprodução social. A existência não de uma, mas de duas estelas, reforça, quanto a nós, esta linha interpretativa. Neste sentido, e simultaneamente, as estelas deverão ser também entendidas como marcos estruturantes na conceptualização de lugares e de territórios e na mundividência das comunidades, isto é, como sinais não só inscritos, mas igualmente incorporados na paisagem, no sentido atribuído por Ingold (1993: 156-157). Por isso, torna-se fundamental captar as suas linhas de articulação com a(s) rede(s) de povoamento regional, trabalho que exige múltiplas equipas desdobradas em prospecções e escavações que... estão por fazer.

Bibliografia

- ALMAGRO BASCH, M. (1966) — *Las estelas decoradas del Suroeste Peninsular*, Madrid, Biblioteca Praehistorica Hispana VIII.
- ALMAGRO BASCH, M. (1972) — Los ídolos y la estela de Hernán Pérez (Cáceres) y el ídolo estela de Tabuyo del Monte (Léon), *Trabajos de Prehistoria*, 29, p. 83-112.
- BRANDHERM, D. (2007) — *Las Espadas del Bronce Final en la Península Ibérica y Baleares*, Phähistorische Bronzefunde, IV, 16. Band, Stuttgart.
- BUENO RAMÍREZ, P. (1987) — El Grupo Hurdes-Gata en las Estelas Antropomorfas de Extremadura, *XVIII Congreso Nacional de Arqueología*, Zaragoza, p. 449-457.
- BUENO RAMÍREZ, P. (1990) — Statues-menhirs et stèles anthropomorphes de la Péninsule Ibérique, *L'Anthropologie*, 94 (1), p. 85-109.
- CANHA, A. J. (1999) — Canedotes (Vila Nova de Paiva, Viseu), povoado do Bronze Final. Notícia Preliminar das escavações do sector II, *Estudos Pré-históricos*, VII, Viseu: CEPBA, p. 281-291.
- CARVALHO, P. (2009) — Há 2000 anos em Celorico da Beira, in *Celorico da Beira através da História*, Câmara Municipal de Celorico da Beira, p. 33-49.
- CASTRO, L. de A.; FERREIRA, O. da V.; VIANA, A. (1957) — O dólmen pintado de Antelas (Oliveira de Frades), *Comunicações dos Serviços Geológicos de Portugal*, 38, Lisboa: Serviços Geológicos de Portugal, p. 325-346.
- CELESTINO PÉREZ, S. (2001) — *Estelas de guerrero y estelas diademadas*, Barcelona: Ediciones Bellaterra.
- COSTA, J. C.; AGUIAR, C.; CAPELO, J. H.; LOUSÃ, M.; NETO, C. (1998) — *Biogeografia de Portugal Continental*, Bragança: Associação Lusitana de Fitossociologia [Quercetea, 0].
- COSTAS GOBERNA, F. J.; HIDALGO CUÑARRO, J. M. (1998) — Tableros de juego en los petroglifos gallegos: de la Antigüedad Clásica al Medioevo, in Costas Goberna, F. J. e Hidalgo Cuñarro, J. M. (eds.), *Reflexiones sobre el arte rupestre prehistórico de Galicia*, Vigo [Serie Arqueología Divulgativa, 4], p. 97-127.
- CRUZ, D. J. da (2001) — *O Alto Paiva: Megalitismo, diversidade tumular e práticas rituais durante a Pré-história recente*, 2 volumes, Coimbra, FLUC (dissertação de doutoramento, policopiada).
- CRUZ, D. J.; GOMES, L. F. e CARVALHO, P. M. S. (1998) — O grupo de *tumuli* da “Casinha Derribada” (concelho de Viseu), *Conimbriga*, 37, Coimbra, p. 5-76.
- DAVEAU, S. (1969) — Structure et relief de la Serra a Estrela, *Finisterra*, IV (7), p. 31-63.
- DÍAZ-GUARDAMINO URIBE, M. (2008) — Iconical sigs, indexical relations: Bronze Age Stelae and Statue-Menhirs in the Iberian Península, *Journal of Iberian Archaeology*, 11, ADE-CAP, p. 31-45.
- FELD, S. e BASSO, K. H. (1996) — Introduction, in Feld, S. e Basso, K. H. (eds.), *Senses of Place*, School of American research Advanced Seminar Series, Santa Fé, p. 3-11.
- FERREIRA, A. B. (1978) — *Planaltos e montanhas do Norte da Beira – Estudos de Geomorfologia*, Lisboa: Centro de Estudos Geográficos [Memórias do Centro de Estudos Geográficos, n.º 4].
- GALÁN DOMINGO, E. (1993) — *Estelas, Paisaje y Territorio en el Bronce Final del Suroeste de la Península Ibérica*, [Complutum extra 3], Madrid, Editorial Complutense.

- GALÁN DOMINGO, E. (2000) — Las estelas del Suroeste entre el Atlántico y el Mediterráneo, *Actas del IV Congreso Internacional de Estudios Fenicios y Púnicos*, Cádiz, IV, p. 1789-1797.
- GARCÍA DE FIGUEROLA, M. (1982) — Nueva estela decorada del tipo II en San Martín de Trevejo (Cáceres), *Zephyrus*, XXXIV-XXXV, p. 173-180.
- GARCÍA SANJUÁN, L.; WHEATLEY, D.; FÁBREGA ÁLVAREZ, P.; HERNÁNDEZ ARNEDO, M. J.; POLVORINOS DEL RÍO, A. (2006) — Las estelas de guerrero de Almadén de la Plata (Sevilla). Morfología, tecnología y contexto, *Trabajos de Prehistoria*, 63 (2), p. 135-152.
- GOMES, M. V. e MONTEIRO, J. P. (1976-77) — As estelas decoradas da Herdade de Pomar (Ervidel, Beja): Estudo Comparado, *Setúbal Arqueológica*, II-III, p. 281-343.
- GOMES, S. M. (2006) — *Relatório final de Acompanhamento Arqueológico da Obra do Parque Eólico de Videmonte* (inédito).
- GÓMEZ-BARRERA, J. A. (1992) — *Grabados rupestres postpaleolíticos del Alto Duero*, Museo Numantino, Caja Salamanca y Soria, Junta de Castilla y León.
- HARRISON, R. J. (2004) — *Symbols and Warriors. Images of the European Bronze Age*, Bristol, Western Academic & Specialist Press Limited.
- INGOLD, T. (1993) — The temporality of the landscape, *World Archaeology*, 25 (2), p. 152-174.
- LAUTENSACH, H. (1997) — As características climáticas, in Ribeiro, O. e Lautensach, H., *Geografia de Portugal*, vol. II. *O Ritmo Climático e a Paisagem*, Lisboa: Edições Sá da Costa, p. 337-369.
- MARTÍN BENITO, J. (2009), Una estela de la Edad del Bronce en Robleda (Salamanca), *La Crónica de Benavente*.
[<http://lacronicadebenavente.blogspot.com/2009/12/la-estela-derobleda.html>].
- MURILLO REDONDO, J.; MORENA LÓPEZ, J.; RUIZ LARA, D. (2005) — Nuevas estelas de guerrero procedentes de las provincias de Córdoba y de Ciudad Real, *Romula*, 4, p. 7-46.
- PERESTRELO, M. S. (2000) — O povoado do Caldeirão. Subsídios para o estudo do Bronze Final da região da Guarda, *I Jornadas do Património da Beira Interior*, Câmara Municipal da Guarda, p. 51-96.
- RIBEIRO, O. (1954) — Estrutura e Relevo da Serra da Estrela, *Boletín de la Real Sociedad Española de Historia Natural (Tomo homenaje a E. Hernández-Pacheco)*, Madrid, p. 549-566.
- RIBEIRO, O.; SANTOS, M. A. P. (1951) — Montanhas pastoris de Portugal. Tentativa de representação cartográfica, *Comptes Rendus du Congrès International de Géographie. Lisbonne 1949*, Tome III, Lisboa, Union Géographique Internationale, p. 59-69.
- SANTOS, A. T. (2008) — O Sabugal no contexto da Pré-história da Beira Interior, in *Museu do Sabugal. Coleção Arqueológica*, Sabugal, p. 11-25.
- SANTOS, A. T.; MARQUES, J. N. (2007) — Os *tumuli* do Rochão (Castro Daire Viseu), *Conimbriga*, XLVI, p. 27-51.
- SAUVET, G.; SAUVET, S.; WLODARCZYK, A. (1977) — Essai de sémiologie préhistorique (Pour une théorie des premiers signes graphiques de l'homme), *Bulletin de la Société Préhistorique Française*, 74 (2), p. 545-558.
- SILVA, M. O. (2000) — Estátua-menir de A-de-Moura (Santana de Azinha, Guarda), *Estudos Pré-históricos*, 8, Viseu, p. 229-236.

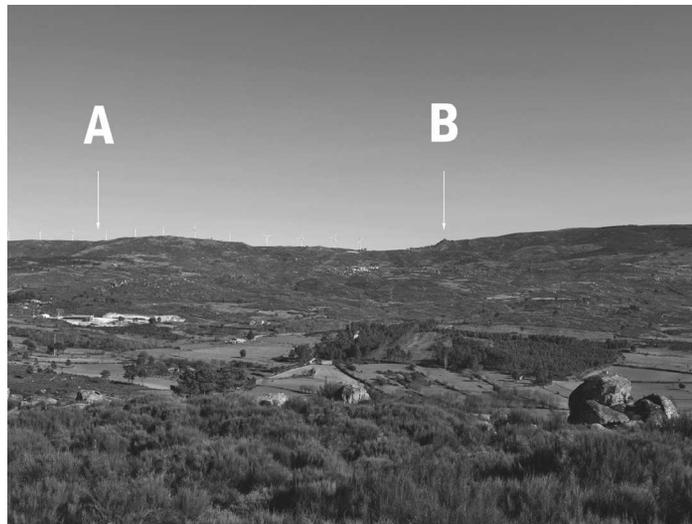
- SOPEÑA, G. (2005) — Celtiberian Ideologies and Religion, *e-Keltoi, Journal of Interdisciplinary Celtic Studies*, 6, p. 347-410.
- TEJERA GASPAS, A.; JORGE GODOY, S.; QUINTANA MONSTESCEOCA, R. (1995) — La estela IV de “La Atalaya de La Moranilla” (Écija, Sevilla), *Spal*, 4, p. 251-255.
- THADEU, D. (1965) — *Carte Minière du Portugal. Notice explicative*, échelle 1/500.000, Lisboa, Serviços Geológicos de Portugal.
- TWOHIG, E. S. (1981) — A pedra decorada de Ardegães de Águas Santas, *Arqueologia*, 3, Porto, p. 49-55.
- VAN DYKE, R. e ALCOCK, S. (2003) — Archaeologies of Memory: An Introduction, in Van Dyke, R. e Alcock, S. (eds.), *Archaeologies of Memory*, Oxford, Blackwell, p. 1-13.
- VÁZQUEZ HOYS, A. M. (1984) — Aspectos mágicos de la Antigüedad II. Los espejos mágicos, *Boletín de la Asociación Española de Amigos de la Arqueología*, 20, p. 18-24.
- VÁZQUEZ VARELA, J. M. (1985-86) — Nueva cista decorada del Bronce Inicial de Galicia, *Pontevedra Arqueológica*, 2, p. 91-95.
- VILAÇA, R. (1995) — *Aspectos do povoamento da Beira Interior (Centro e sul) nos finais da Idade do Bronze*, [Trabalhos de Arqueologia 9], Lisboa, IPPAR.
- VILAÇA, R. (2000) — Notas soltas sobre o património arqueológico do Bronze final da Beira Interior, in Ferreira, M. C. et al. (eds.), *Beira Interior, História e Património*, [Actas das I Jornadas de Património da Beira Interior, 1998], Guarda, p. 31-49.
- VILAÇA, R. (2004) — O Monte de S. Martinho, Castelo Branco, na Idade do Bronze, in *Arqueologia: coleções de Francisco Tavares Proença Júnior*, Castelo Branco, IPM, p. 54-61.
- VILAÇA, R. (2008) — *Através das Beiras. Pré-história e Proto-história*, Coimbra, Palimage.
- VILAÇA, R. (2008-2009) — Sobre *tranchets* do Bronze Final do Ocidente Peninsular, *Portugália*, Nova Série, XXIX-XXX, p. 61-84.
- VILAÇA, R. (2009a) — Celorico da Beira antes dos Romanos, in *Celorico da Beira Através da História*, Câmara Municipal de Celorico da Beira, p. 11-28.
- VILAÇA, R. (2009b) — Sobre rituais do corpo em finais do II-inícios do I milénios a. C.: do espaço europeu ao território português, *Estudos Arqueológicos de Oeiras*, 17, p. 489-511.
- VILAÇA, R.; SANTOS, A. T.; MARQUES, J. N. (2004) — O monte de S. Martinho na Idade do Bronze (76 Estátua-menir, 77 Estátua-menir, 78 Menir), in *Arqueologia: coleções de Francisco Tavares Proença Júnior*, Castelo Branco, IPM, p. 159-166.
- WARMENBOL, E. (2007) — Miroirs et mantique à l'âge du Bronze, in Burgess, C. et al. (eds.), *Beyond Stonehenge. Essays on the Bronze age in Honour of Colin Burgess*, Oxford, p. 377-396.



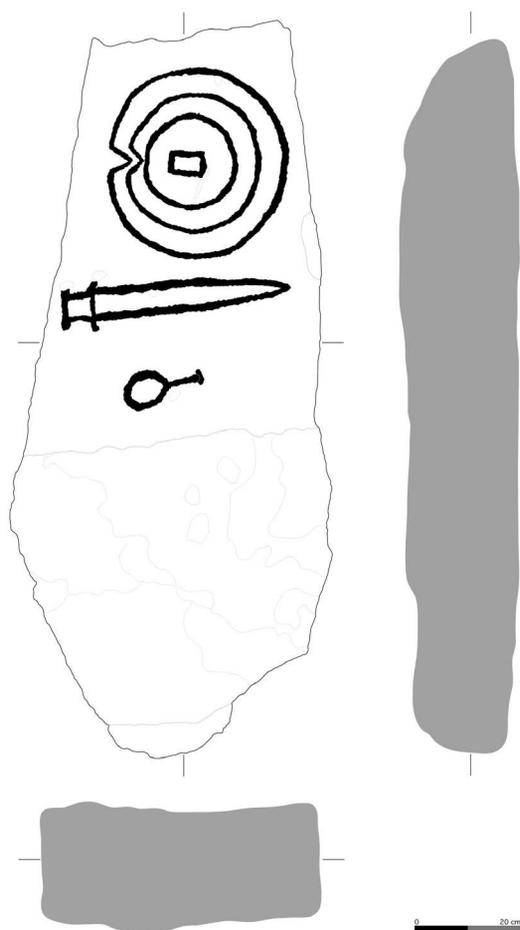
Estampa 1 – Local de achado das estelas (“Carta Militar de Portugal”, escala 1: 25.000, folha 191).



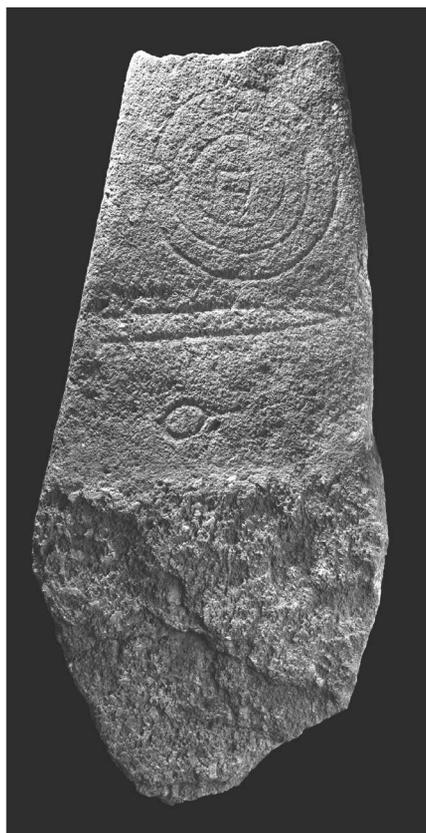
Estampa 2 – Serra do Ralo vista desde a Penha de Prados (aprox. de SW).



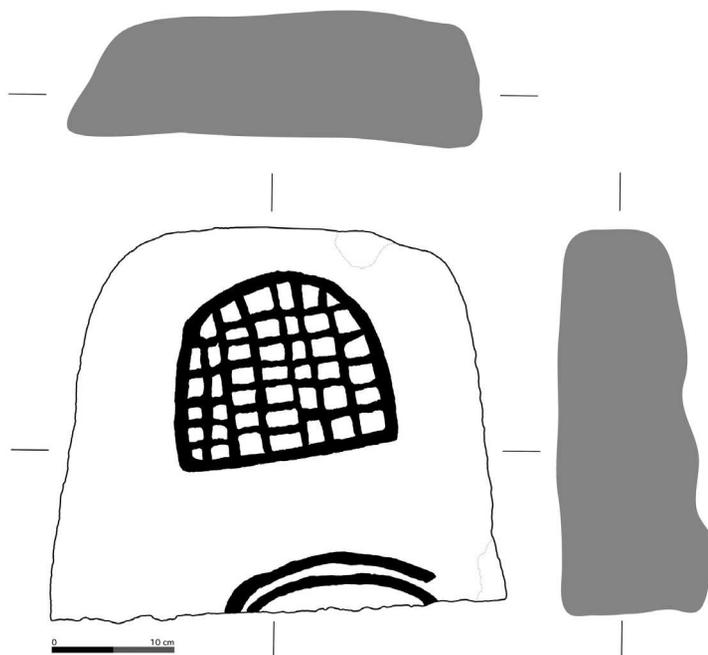
Estampa 3 – Enquadramento paisagístico do local de achado das estelas (A), observando-se também a escarpa da Penha de Prados (B) (Foto: Danilo Pavone).



Estampa 4 – Decalque da estela de Pedra da Atalaia 1.



Estampa 5 – Fotografia da estela de Pedra da Atalaia 1 (Foto: Danilo Pavone).



Estampa 6 – Decalque da estela de Pedra da Atalaia 2.



Estampa 7 – Fotografia da estela de Pedra da Atalaia 2 (Foto: Danilo Pavone).



Estampa 8 – Serra do Ralo vista desde o povoado de Monte Verão/Pedra Aguda (aprox. de NE).